

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO - UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

AMANDA D'ÁVILA CARVALHO BATISTA

**GESTALT-TERAPIA E CONSTELAÇÃO FAMILIAR SISTÊMICA:
APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS.**

Juazeiro do Norte - CE.

2018

AMANDA D'ÁVILA CARVALHO BATISTA

**GESTALT-TERAPIA E CONSTELAÇÃO FAMILIAR SISTÊMICA:
APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso – *Artigo Científico*, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - Unileão, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharelado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Cézar de Borba Belmino.

Juazeiro do Norte - CE.

2018

AMANDA D'ÁVILA CARVALHO BATISTA

**GESTALT-TERAPIA E CONSTELAÇÃO FAMILIAR SISTÊMICA:
APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como
requisito para obtenção do grau de
Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus César de Borba Belmino
Orientador

Prof^a. Esp. Larissa Vasconcelos Rodrigues
Avaliadora

Prof^a. Esp. Bruna Gomes Dantas
Avaliadora

GESTALT-TERAPIA E CONSTELAÇÃO FAMILIAR SISTÊMICA: aproximações e diferenças.

Amanda D'ávila Carvalho Batista¹

Marcus Cézar de Borba Belmino²

RESUMO

Este estudo contempla uma discussão acerca das aproximações e diferenças entre a Gestalt-terapia e a Constelação Familiar Sistêmica. A Gestalt-terapia é apresentada a partir dos fundamentos dos principais autores criadores da abordagem, como Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman. De forma que a Constelação Familiar Sistêmica é descrita de acordo com a teoria de Bert Hellinger, principal criador e influenciador da teoria. A partir dos principais conceitos e das explicações das ideias centrais sobre as duas teorias que foram ressaltados no presente artigo, pode-se compreender os efeitos que ambas podem proporcionar aos seus usuários na prática clínica. Enfatizam-se principalmente as ideias do todo, da existência, do ser holístico, da criatividade, da responsabilidade e da tomada de consciência para ambas as teorias. Trata-se de explicar como cada abordagem age para que as pessoas que as utilizam enquanto clientes consigam ter mais autoconsciência e autoconhecimento, para se objetivar dentre outros efeitos, o crescimento pessoal. Verifica-se a necessidade de se conhecer melhor vieses da prática clínica contemporânea Constelação Familiar Sistêmica, que pode acarretar consigo vários estigmas preconceituosos, principalmente por não ser uma prática relativamente da Psicologia. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica descritiva de natureza qualitativa e utilizado por fim, um quadro explicativo para melhor ilustrar a temática do estudo.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Autoconsciência. Constelação Familiar Sistêmica. Gestalt-terapia.

ABSTRACT

This study contemplates a discussion about the approximations and differences between Gestalt therapy and the Systemic Family Constellation. Gestalt therapy is presented from the foundations of the main authors of the approach, such as Fritz Perls, Laura Perls and Paul Goodman. So the Systemic Family Constellation is described according to the theory of Bert Hellinger, the main creator and influencer of the theory. From the main concepts and the explanations of the central ideas about the two theories that were emphasized in the present article, one can understand the effects that both can give to its users in clinical practice. The ideas of the whole, of existence, of being holistic, of creativity, of responsibility and of awareness for both theories, are emphasized above all. It is a matter of explaining how each approach acts so that the people who use them as clients are able to have more self-awareness and self-knowledge, in order to achieve, among other effects, personal growth. There is a need to better understand the biases of the contemporary clinical practice of the Systemic Family Constellation, which can lead to several prejudiced stigmas, mainly because it is not a relatively practical practice in Psychology. A descriptive bibliographical research of qualitative nature was carried out and, finally, an explanatory framework to better illustrate the theme of the study.

¹ Discente do Curso de Psicologia da Unileão. E-mail: amandacarvalhopsi@gmail.com

² Docente do Curso de Psicologia da Unileão. E-mail: marcuscezar@leaosampaio.edu.br

Key-words: Self knowledge. Self-consciousness. Systemic Family Constellation. Gestalt-therapy.

1 INTRODUÇÃO

A Constelação Familiar Sistêmica baseia-se em um método ou técnica terapêutica desenvolvida pelo alemão Bert Hellinger, cunhada enquanto uma ferramenta a favor da vida por proporcionar ao sujeito maior percepção de si e de suas questões, assim como sobre o sistema em que está inserido.

Este sistema deve seguir uma ordem de acordo com os membros antepassados de uma família, no qual os mais velhos sempre serão reverenciados de acordo com suas idades e papéis dentro desta organização sistêmica, e os mais novos sempre terão a missão de respeitá-los. Ao passo que quando há alguma interferência nesta ordem, ocorre desarmonia e possíveis sofrimentos para o indivíduo e para o seu sistema.

Em contrapartida, a Gestalt-Terapia é uma abordagem de cunho fenomenológico-existencial que foi desenvolvida gradativamente sob influências das ideias de alguns autores considerados importantes figuras para a discussão e desenvolvimento da teoria, tais como Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman.

Sustentada teoricamente na psicologia da Gestalt ou Gestaltismo e tendo como base a fenomenologia e o existencialismo, a Gestalt-terapia enfatiza a interação organismo-ambiente no aqui-e-agora visando sempre a consciência e *awareness* para se resultar em crescimento e autonomia para o sujeito.

Destaca-se então a importância de se compreender aspectos subjetivos do sujeito e do meio em que se encontra a partir das duas teorias, onde ao passo que se distanciam, também podem se aproximar em alguns pontos. O que torna relevante o presente estudo para se conhecer o quanto o sujeito tanto a partir da Gestalt-terapia como da Constelação Familiar Sistêmica consegue perceber o mundo e a si mesmo, e dessa forma ter interações sociais e pessoais muito mais conscientes. Proporcionando uma visão do quanto pode ser necessário o autoconhecimento e a consciência de como estão acontecendo os fatos no momento presente para que haja uma compreensão de si e da própria existência.

Enquanto objetivo geral deste artigo propõe-se o conhecimento acerca das aproximações e diferenças entre a Gestalt-terapia e a Constelação Familiar Sistêmica a partir dos objetivos específicos de ressaltar conceitos chaves das duas abordagens e explanar sobre a prática de campo de cada uma.

O tipo de pesquisa desse estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica realizada a partir do levantamento de literaturas sobre a Constelação Familiar Sistêmica e a Gestalt-terapia. Que segundo Gil (2010), este tipo de pesquisa é realizada através de materiais já produzidos, que inclui artigos disponíveis na internet, teses, dissertações, livros, entre outros. Portanto, os dados base desta pesquisa embasam-se em artigos publicados, trabalhos acadêmicos, em língua portuguesa e com marcação temporal do ano de 2000 a 2018 pesquisados nas plataformas *scielo*, *pepsic* e Google Acadêmico, com exceção de obras clássicas de outras décadas pertinentes a Gestalt-terapia, no qual foram necessários para a construção deste trabalho científico.

2 CONSTELAÇÃO FAMILIAR SISTÊMICA

A constelação familiar sistêmica foi desenvolvida pelo alemão Bert Hellinger, nascido em 1925, estudou Filosofia, Teologia e Pedagogia, chegando ainda a realizar algumas capacitações na área da psicologia, mais especificamente psicanálise e terapias de grupo. Sendo este leque de estudos um forte indicador de influências em diversas áreas até hoje, como por exemplo, no campo da educação e orientações de vida, organizações e empresas, terapias e sentido da vida (FRANKE, 2006).

Como padre em uma de suas missões católicas, Hellinger foi mandado às tribos Zulus na África para ministrar capacitações para alguns sacerdotes, podendo observar ali os costumes, cultura, comportamentos, doenças e vários outros elementos daquele povoado (FRANKE, 2006).

Sendo este acontecido um ponto de partida intencional para alavancar seus conhecimentos e conclusões mais tarde, sobre a felicidade e o bem estar físico e mental das pessoas. Pois observou que os costumes dos integrantes das tribos eram baseados nas reverências para com seus antepassados de forma sistêmica, organizada e harmoniosa, respeitando os precedentes hierarquicamente, percebendo concomitante a isso, que não haviam ali algumas doenças mentais que acometiam à população civilizada, como por exemplo, a depressão. E quando alguém errava, era posicionado no meio de um círculo constituído pelo restante da tribo no qual apontavam todas as coisas boas que aquele indivíduo tinha capacidade para fazer: suas competências (FRANKE, 2006).

Mais tarde, Hellinger largou o âmbito religioso e passou a estudar e formar-se em áreas do campo terapêutico como dinâmica de grupos, terapia primal, psicodrama, hipnoterapia, análise transacional, programação neurolinguística (PNL) e Terapia Familiar

Sistêmica, sendo esta última um evento em formato de seminário conduzido por alguns especialistas onde ele percebeu que apesar de o mesmo ter tido um bom resultado, faltava um sentido ou um significado mais aprofundado de como aconteciam os processos de um sistema (CORNELIUS, 2017).

Após tais indagações, Hellinger observou que cada pessoa vivia segundo um padrão, em um roteiro de vida que acabava, mesmo que inconscientemente, orientando as pessoas da mesma família a segui-lo ou ter relação e que tais evidências poderiam ainda ser encontradas em registros históricos como histórias literárias, romances, filmes etc. E, além disso, que algumas destas histórias independentemente de serem transmitidas pelos pais nos primeiros anos de vida, contribuíam para o resultado deste padrão e que sempre diziam respeito a algum membro daquela família, onde eram herdados com eles problemas e ordens desses sistemas familiares antepassados (HELLINGER, 2010).

Hellinger avançou nos seus conceitos passando a pensar qual seria a “ordem de origem”, isto é, a ordem que precedia o sistema anterior em face do posterior. Para Schneider (p. 6, 2001) “família de origem é a família onde alguém é filho, e a família atual é aquela onde alguém é marido ou mulher, pai ou mãe”, onde se acrescenta que os problemas e/ou sofrimentos acontecem no sistema atual, mas sempre há um vínculo com o sistema de origem, sempre importando os dois sistemas em uma Constelação Familiar Sistêmica. Apenas a partir disto foi que Hellinger finalmente começou a perceber as perturbações nos sistemas, iniciando assim, seus trabalhos com as Constelações Sistêmicas (HELLINGER, 2013).

Entrar em contato com essas dinâmicas ocultas em sua vida possibilita ao sujeito um reconhecimento do que pode estar contribuindo para que este viva com um peso, uma doença, um sofrimento, entre outros. A constelação sistêmica de Hellinger permite justamente o contato com estas questões desconhecidas (HELLINGER, 2010).

Estas perturbações aconteciam devido desordens estabelecidas na maioria das vezes inconscientemente nos sistemas, como por exemplo, nos relacionamentos interpessoais e reconhecimento das capacidades pessoais. Onde, identificou a partir disto três leis, descritas por ele como leis da vida ou do amor e que precisam governar a vida das pessoas. Elas agem nos relacionamentos, e quando são quebradas, fazem o sistema se movimentar até encontrar o equilíbrio novamente, devendo ser respeitadas por todos os membros (SCHNEIDER, 2007).

Esses movimentos muitas vezes são sentidos como dores dentro do sistema, podendo ser segundo Schneider (2007, p. 79), “um sintoma, um sentimento, uma doença, a vida e a morte, um quadro social de acontecimentos que ultrapassam os processos familiares imediatos, como, por exemplo, a guerra, uma injustiça funesta ou o bem e o mal”, e aparecem

enquanto um pedido de atenção para se perceber alguma lei que está sendo negligenciada por algum motivo. Quando Hellinger fala das leis, ele diz que são forças naturais que atuam sobre nós, independente de nossa vontade ou decisão. Para ele, elas são naturais e imutáveis (HELLINGER, 2008).

São elas, a lei da ordem, que diz respeito a ordem hierárquica de cada membro de uma família, ou seja, seria nessa ordem: os antepassados, os mais velhos (como os avós), o pai e a mãe, o filho mais velho, o filho do meio e o filho mais novo, sempre acompanhando não só o respeito diante de cada membro que veio antes do outro como também os papéis que cada um exerce nesse sistema e que qualquer interferência ou movimento que coloque o mais novo como maior nessa ordem, resulta em desarmonia (HELLINGER, 2008).

Hellinger (2008) afirma então que a segunda lei é o equilíbrio, onde em todo relacionamento em um sistema é necessário que se tenha uma ponderação entre o dar e o receber, ou seja, ao mesmo tempo em que se dá afeto, respectivamente o indivíduo precisa receber afeto, pois quando nesta balança um dos dois acontece de maneira desigual, resulta também em uma desarmonia do sistema por não haver um equilíbrio. E a terceira e última, o pertencimento, que diz respeito ao direito de todos os membros de um sistema fazerem parte e serem inseridos no mesmo. Como, por exemplo, o fato de o pai ser alcoolista ainda o faz pertencente ao seu sistema de origem, portanto acontece desorganização no sistema e consequentemente sofrimento se por este motivo o mesmo for excluído deste sistema, e, já que ele ainda pertence ao sistema de origem, necessita ser novamente incluído.

Para o mesmo autor, o amor reúne aspectos basilares na constelação, pois é preciso amar as pessoas cuja verdade se quer conhecer e aceitá-las seja qual for o destino delas, assim como à sua família e os seus problemas. O que segundo Pelizzoli (2010, p. 8), “o caminho para a paz é preparado por um amor aberto, leve, acolhedor”, pois seria este, conforme Hellinger (2007, p. 23) “o grande amor que está além do bem e do mal, além dos grandes conflitos”. De maneira genuína esse amor deve estar presente, tanto na vida das pessoas como no momento da Constelação Familiar.

Na Constelação, o terapeuta ou *coaching* pergunta ao cliente ou constelado qual seria o seu problema ou que conte um episódio de sua vida que lhe causa sofrimento, da maneira como desejar. Neste relato o que o terapeuta irá frisar são os fatos reais, palpáveis, ou seja, lhe interessa aquilo que de fato é, e não as interpretações, julgamentos e explicações que o próprio cliente faz dos seus fatos. É evidenciado pelo terapeuta ainda o que se passou na família da pessoa ao longo de sua existência (CORNELIUS, 2017).

Após relatos do cliente e perguntas do terapeuta, é solicitado ao cliente que ele selecione os membros na plateia que irão representar seus familiares mais próximos (podendo, inclusive, ser uma pessoa que já morreu), ou do episódio em específico relatado por ele no início assim como também, selecionar um representante para ele mesmo. Podendo ainda no decorrer da constelação ser inserido pelo terapeuta, mais representantes considerados importantes nesse processo (CORNELIUS, 2017). E segundo Carvalho (2012, p. 44) “o representante, enquanto está neste campo quântico que atua, comporta-se e sente-se como alguém da família que pertence a esse campo de força”, ou seja, os representantes são de fato nesse processo as figuras reais do sistema em questão.

Sob orientações do terapeuta, os membros são posicionados pelo cliente no espaço delimitado de maneira que essa dinâmica dê conta das relações que uns mantêm com os outros, aproximando ou distanciando os representantes uns dos outros e dele mesmo (CORNELIUS, 2017). Hellinger (2006) afirma que esta colocação dos representantes em seus lugares se faz intuitivamente, sem reflexão – bem como a escolha desses representantes por ele, que se faz por aproximações físicas em relação aos familiares reais dele. E é nessa atribuição de posições que a constelação emerge e que um campo de energia autônomo se cria. Ao ser formada a constelação, o cliente sente-se para observar o que se passa entre os representantes.

Hellinger (2010) defende que o terapeuta conduz os movimentos, seja de aproximação para que um membro olhe e/ou toque outro, ou, para que pergunte como estão se sentindo naquele momento, solicitando que descrevam os sentimentos e impressões e até mesmo para que dirijam a palavra a outro membro com informações jamais pronunciadas anteriormente, porém que foram sentidas, como por exemplo, um pedido de desculpas. Sendo neste sentido, informações puramente factuais e fenomenológicas, não se evidenciando explicações ou interpretações.

E em algumas intervenções, o terapeuta não dirige uma só palavra para os membros, permitindo a interação e energia por si só neste ambiente, deixando que a dinâmica aconteça naturalmente, sendo sentida por todos, sendo chamada por Hellinger de “movimentos da alma”, podendo levar uma constelação até sua solução sem se pronunciar informações verbalmente (HELLINGER, 2013).

Segundo Hellinger (2013) a solução de uma constelação permite aos seus membros a sensação de livrar-se de um peso, traz paz e satisfação ao interior do campo familiar. Do mesmo modo que, desempenhar o papel de representante em uma constelação familiar é uma experiência muito profunda, o que explica por que às vezes é difícil deixá-lo. Sendo assim, o

cliente pode encerrar o processo de constelação aproximando-se de cada representante, pegando-lhes a mão e agradecendo um a um por terem sido seus representantes e em seguida solicita para que voltem a serem eles mesmos e aos seus lugares de antes.

E ao final da constelação o grupo pode trocar ideias sobre suas reflexões. Da mesma maneira que o cliente pode contar a sua experiência aos membros da família envolvidos no processo. Porém, como dialoga Schneider (2001, p. 26) “o término de uma constelação exige também que, concluído o trabalho, o terapeuta e o grupo deixem em paz a pessoa envolvida e sua alma”, salientando, portanto o cuidado que se deve ter com o constelado, para que ele também não ouça muitos comentários finais vindo dos participantes. Visto que Hellinger considera que este campo de energia de uma constelação é muito sensível e que elas são capazes de produzir mudanças profundas, pois colocam em movimento mudanças importantes de processos de cura, que progridem lentamente e se estendem pouco a pouco, aos diferentes domínios da vida do cliente (FRANKE, 2006).

Na terapia familiar sistêmica, trata-se de averiguar se no sistema familiar ampliado existe alguém que esteja emaranhado nos destinos de membros anteriores dessa família, como por exemplo, se algum membro que já morreu dessa família possuía alguma desordem de comportamento como ser alcoolista, e se um membro dessa família da geração atual poderia estar vinculado fortemente a ele, reproduzindo o mesmo comportamento. Sendo possível ser trazido à luz através do trabalho com constelações familiares e trazendo-se à luz estes emaranhamentos, a pessoa consegue se libertar mais facilmente destes (HELLINGER, 2006). O que para Carvalho (2012):

O procedimento que acontece nas constelações é sistêmico. Nesse procedimento trata-se de enxergar o completo e o todo do sistema familiar. É necessário que se olhe primeiro para todos aqueles que estão excluídos do sistema, para os membros familiares aos quais é negado o reconhecimento ou para aqueles aos quais é negado o amor. As constelações trabalham para as relações familiares (p. 44).

Pois, assim como a harmonia, organização das estrelas e planetas – e até mesmo a ideia de uma linha imaginária que liga os mesmos no céu – a Constelação Familiar Sistêmica acarreta essa mesma essência, porém, em sentido metafórico comparativo sendo as estrelas e cometas, as pessoas e as linhas imaginárias que os ligam, como os membros pertencentes por direito a esta família sustentados pelas forças de seus ancestrais e que a todo momento são apoiados pelas ordens do amor (FRANKE, 2006).

Na intervenção da constelação, o terapeuta, segundo Hellinger (2010) dispõe aos participantes de modo geral modos de perceber suas questões, pois ao passo que o cliente tem o seu passado presentificado na encenação organizada pelos participantes aleatórios

escolhidos na plateia, os voluntários também conseguem entrar em contato com algumas demandas pessoais que emergem naquele momento. E ainda, podem acontecer algumas reações com estes participantes idênticas às características reais dos verdadeiros personagens da cena passada do cliente.

Diante disto, evidencia-se enquanto uma teoria que defende que a forma saudável de um sujeito ou grupo, seria um funcionamento de maneira harmônica e sistêmica. E, contrário a isto, aconteceria uma desorganização do movimento desse sistema, como por exemplo: a esposa que exerce a função de ser mãe do próprio marido, e estes sustentam tal condição mesmo que jamais percebam. Pois algum movimento dos dois indivíduos foi interrompido no sistema (FRANKE, 2006).

As leis do amor e regras que devem ser seguidas compõem o todo na visão da Constelação Familiar Sistêmica de Bert Hellinger. O campo familiar, por exemplo, funciona respeitando essas leis, mas quando são quebradas conscientemente ou inconscientemente acarreta em peso e dificuldades na história familiar. No processo de constelação, as questões trazidas pelo constelado devem ser recebidas pelo terapeuta em sua totalidade e focado no amor para com o mesmo. Sendo essas dinâmicas, observadas em uma Constelação Familiar Sistêmica (CARVALHO, 2012).

3 GESTALT-TERAPIA

A Gestalt-terapia foi desenvolvida a partir de pensamentos e contribuições de vários autores, dentre eles Fritz Perls, Laura Perls e Paul Goodman. É uma abordagem Humanista, Existencial-Fenomenológica, ou seja, a visão de ser humano da abordagem é influenciada por estas filosofias. Seu surgimento oficial se deu a partir da publicação do livro *Gestalt-Therapy* em 1951, escrito por Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman (BELMINO, 2014).

Friederich Salomon Perls (1893-1970), mais conhecido como Fritz Perls nasceu em Berlim na Alemanha. Formou-se em Medicina em 1920 atuando como Neuropsiquiatra, e em 1928 tornou-se Psicanalista. Em 1936, ao participar do Congresso Internacional de Psicanálise (IPA) em Marienbad, na Tchecoslováquia, sentiu-se desapontado pela recepção fria de Freud e Reich acerca do seu trabalho apresentado sobre alguns pressupostos da Psicanálise pensados a seu modo (YONTEF, 1998).

Fritz Perls buscou incorporar alguns elementos da linguagem organísmica e gestaltista ao campo da psicanálise. Ao publicar *Ego, fome e agressão* em 1942, Perls recebeu muitas críticas dos psicanalistas da época por misturar conceitos gestálticos à psicanálise (PERLS,

HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). O que segundo Juliano (2004) tal acontecido foi o que levou a ele e Laura Perls, sua esposa na época, a se afastarem gradativamente da psicanálise.

Laura Posner Perls (1905-1990) nasceu em Pforzheim na Alemanha e era uma amante das artes, desde criança começou a tocar alguns instrumentos como piano e a fazer aulas de dança, onde esteve envolvida com os dois durante boa parte de sua vida. Assim como estudou várias línguas e descobriu um apreço pela escrita de estórias e poemas em sua juventude. Mais tarde estudou Direito e posteriormente entrou em contato com a Psicanálise submetendo-se a uma análise com Otto Fenichel, um psicanalista Austríaco e sucessivamente tornou-se também uma analista (JULIANO, 2004).

Paul Goodman (1911-1972) nasceu nos Estados Unidos, fez graduação em letras obtendo PHD em 1940 na área da literatura. Sendo um escritor, dramaturgo, poeta, crítico literário e psicoterapeuta americano que interessava-se por questões diversas e conhecia muito bem por exemplo, o pensamento alemão e a fenomenologia de Husserl. Bem como enveredou também nas contribuições Psicanalíticas de Freud, aproximando-se ainda de Reich e mais tarde de Fritz (BELMINO, 2017).

A partir das influências dos pensamentos de Kurt Goldstein (1878-1965) e Wilhelm Reich (1897-1957) acerca de visões gestálticas, Perls foi construindo seu pensamento embasado em uma condição natural de homem, onde a Gestalt-terapia se erguia enquanto uma teoria nova que considerava a experiência presente do organismo/ambiente no campo (BELMINO, 2014).

A teoria Reichiana obteve como um dos enfoques iniciais (Reich ainda enquanto psicanalista) a mudança da ênfase do inconsciente para o consciente, ou seja, mais importante do que o porquê de os fatos inconscientes ocorrerem (como foi proposto por Freud), seria como ocorrem, de que maneira. De que forma, por exemplo, determinado sujeito evitaria alguma experiência nessa dinâmica organismo-ambiente (BELMINO, 2014).

A base fenomenológica permite ao ser uma percepção mais diferenciada do seu habitual, uma ampliação do que está acontecendo sendo sentido no momento presente buscando uma maneira ingênua de perceber e explorar os fatos. E em uma visão da fenomenologia gestáltica, segundo Yontef (1998):

A visão do mundo científico, que é subjacente à perspectiva fenomenológica da Gestalt, é a teoria de campo. Teoria de campo é um método de exploração que descreve o campo total, do qual o evento atualmente é parte, em vez de analisar a situação em termos de uma categoria à qual ela pertence por sua natureza [...] (p. 17).

Assim como o existencialismo proporciona ao mesmo uma experiência subjetiva (pessoal), as relações interpessoais, os sentimentos experienciados e idiosincrasias, pois como reconhece Yontef (1998) “as pessoas estão infinitamente refazendo-se ou descobrindo a si mesmas” (p. 17). Onde nesse sentido não há algo definido, uma vez que sempre existirão novos horizontes, novas questões, novos problemas.

Do mesmo modo que a partir da Psicologia da Gestalt ou gestaltismo no início da década de XX a teoria figura e fundo que foi esboçada, por se basear em uma corrente psicológica que tinha o intuito de interpretar na prática psicológica as críticas que foram dirigidas à ênfase dada ao psicologismo e ao historicismo intrínseco à filosofia de sua época. Destacando-se diante disto que a percepção se constitui a partir das formas e que essas formas precisam ser percebidas de maneira dinâmica (BELMINO, 2014).

Onde para Perls; Hefferline e Goodman (1997) a Gestalt-terapia sustenta-se da noção da psicologia da Gestalt clássica de que um conjunto de dados infinito e primitivo que nos é apresentado pelo ambiente, é organizado e modelado pelo sujeito de acordo com a sua percepção, ou seja, o ‘todo’ que é estruturado de acordo com a subjetividade de cada um, o que compõe concomitantemente as suas experiências.

Neste modo específico no qual os ‘todos’ da experiência, chamados de “gestaltens” são criados é influenciado pelas necessidades, sejam elas, fisiológicas, emocionais, psicológicas, entre outras. Desta forma a Gestalt-terapia pressupõe a existência de um elemento subjetivo em toda experiência humana, ou seja, não há possibilidade de duas pessoas experienciarem a mesma realidade exatamente da mesma maneira (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Neste sentido, Polster e Polster (2001) afirmam que seria a relação da figura em primeiro plano com o seu fundo, relacionados na Gestalt-terapia a figura com a experiência do primeiro plano e o fundo com a perspectiva da situação que a compõe, com o contexto, sendo o todo mais que a soma das partes. Deste modo, em uma visão gestáltica, toda pessoa deve ser em processo dinâmico, figura e fundo na vida.

De acordo com Ribeiro (2009), nesse processo dinâmico pode-se enfatizar a essência fundamental que o organismo possui de necessidade de auto-regulação a partir da simples interação com mundo sempre buscando respeitar a sua natureza da melhor forma possível. Tudo o que há no universo obedece ao princípio de auto-regulação, pois o processo homeostático, no caso do ser humano, acontece como interface da busca de satisfazer suas necessidades, vontades e desejos.

Essa tendência de atualizar o organismo é o único impulso básico que segue as determinações inatas da própria natureza do ser humano. Trata-se de impulsos, direções, que podem ser vistos atualmente como potencialidades e capacidades instaladas no parêntese orgânico do indivíduo, que, mediante os estímulos do meio em confronto com suas necessidades, vão sendo reveladas (RIBEIRO, 2009).

Segundo Marcos e Rosane Müller-Granzotto (2007), Goldstein (1878-1965) afirma que o organismo é compreendido em si como um sistema, que funciona como uma unidade, sendo que qualquer estímulo que atinja este organismo em qualquer um dos seus subsistemas, necessariamente promoverá mudanças na unidade total, pois que os padrões de resposta dessa unidade são guiados por um único objetivo, a busca pelo equilíbrio global.

O que Fritz Perls e Paul Goodman apoiaram enquanto pensamento ideal nessa abordagem gestáltica. Ou seja, na Gestalt-terapia de Goodman, o mesmo adota enquanto ponto de partida algo que, mesmo tão óbvio, as ciências humanas e sociais geralmente parecem não notar: a troca que se dá incessantemente entre o organismo humano e seu ambiente circundante em todas as áreas da vida, havendo uma vinculação e relação emaranhada entre indivíduo e mundo. Como por exemplo, pode-se ressaltar a nossa respiração, onde absorvemos o oxigênio do ambiente para o nosso corpo, o transformamos e o devolvemos para o ambiente novamente. Sendo esta interação natural e essencial para a nossa existência, de maneira dinâmica e persistente em todos os momentos. Tornando o mundo da Gestalt um mundo de constante ação e movimento (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Onde Perls; Hefferline e Goodman (1997) defendem que:

Denominemos esse interagir entre organismo e ambiente em qualquer função o “campo organismo/ambiente”, e lembremo-nos de que qualquer que seja a maneira pela qual teorizamos sobre impulsos, instintos etc., estamos nos referindo sempre a esse campo interacional e não a um animal isolado (p. 42).

Ou seja, o organismo/ambiente humano não é apenas físico, mas social. Sendo necessário, nesse sentido, uma visão mais ampliada de todos os fatores socioculturais, políticos, animais, físicos etc., nessa visão de campo.

Todas as atividades de contatar o ambiente (ou ser contatado por ele) ocorrem ao longo de uma demarcação experiencial (e de nenhuma maneira necessariamente física) entre o que o organismo considera como sendo si próprio, ou seja, o que já instruiu para suas vontades, e o ser tão, ainda desconhecido, que é a alteridade inesgotável do mundo. A Gestalt-terapia dá o nome de “fronteira de contato” a essa margem inconstante onde ego e o outro se encontram e alguma coisa acontece (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Assim, na Gestalt-terapia, o espaço entre o self e o outro não é um vácuo, como é na maioria das outras teorias psicológicas. A experiência se desdobra em um campo, parecido a um campo elétrico, carregado de premências — as vontades, necessidades, preferências, anseios, desejos, julgamentos e outras expressões ou manifestações de ser (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Onde Gary M. Yontef (1998) salienta, o campo é um todo, no qual as partes estão em relacionamento imediato e reagem umas às outras, e nenhuma deixa de ser influenciada pelo que acontece em outro lugar do campo. Na teoria de campo nenhuma ação ocorre à distância; isto é, o que afeta deve tocar o que é afetado no tempo e no espaço.

Perls; Hefferline e Goodman (1997) afirmam que a única preocupação da Gestalt-terapia nesse sentido, seria com a fronteira de contato, onde o que está acontecendo pode ser observado. Visto que, a teoria define que é propriamente nesta fronteira que sustenta o local de encontros entre o self e o outro, assim como também de afastamento para ambos. Onde, nessa dinâmica, a psicologia pode explicar melhor e os psicoterapeutas testemunhar melhor e ainda devolver para os clientes a questão da responsabilidade que os indivíduos têm em modelar sua própria experiência. Além disso, a fronteira de contato é onde acontece o crescimento, pois é justamente o local onde a necessidade emergente de alguém e o material para satisfazê-la se encontram, o que pode vir a ser um encontro favorável ou não.

O crescimento surge da transformação do desconhecido, que é assimilado do ambiente, tornando-o conhecido, o que o transforma num aspecto do self, como afirma Perls; Hefferline e Goodman (1997, p. 44) “[...] o que é selecionado e assimilado é sempre o novo; o organismo persiste pela assimilação do novo, pela mudança e crescimento”. Assim como é classicamente comparado à agressão e destruição de um alimento pelo nosso aparelho digestivo, pois após tal processo são selecionados apenas os nutrientes necessários para o nosso corpo e os demais são expelidos nas fezes. Do mesmo modo seria a assimilação de uma nova experiência

Perls; Hefferline e Goodman (1997) salientam que a Gestalt-terapia é fenomenologia aplicada. Assim como a fronteira de contato é um construto fenomenológico, do mesmo modo que o self que avança e retrocede, e o surgimento e enfraquecimento do momento presente. Onde nenhum desses conceitos representa um aspecto fixo, que seja inativo o suficiente para ser objetivado ou medido quantitativamente.

Deste modo, a Gestalt-terapia baseia-se em uma abordagem de cunho fenomenológico-existencial, onde ao passo que é centrada na definição subjetiva da *awariness* do indivíduo que Segundo Yontef (1998, p. 236), “é uma forma de experienciar”,

ou seja, é o momento do contato do evento relevante para o sujeito diante do campo indivíduo/ambiente, como um estado de ser consciente; é também fenomenológica, sendo esta como um método que a Gestalt-terapia usa para entender sobre o processo de *awareness*, que também é existencial, pois respalda-se no existencialismo quando considera o encontro existencial interpessoal importante, da mesma forma que a Gestalt-terapia considera todo o campo biopsicossocial do sujeito, incluindo a relação organismo/ambiente como significativo.

Visto que, Perls (1978), afirma que o objetivo baseia-se em o cliente aprender que cada novo ‘agora’ é diferente do anterior, o que irá demandar um conjunto de respostas que se adequem à novidade daquele momento, onde a *awareness* permitirá a compreensão das próprias capacidades, limitações e habilidades a partir do contato organismo/ambiente. Exigindo do sujeito um dar-se conta de suas habilidades e reconhecer sua capacidade criativa. Ou seja, ao mesmo tempo que o campo humanista salienta que há necessidade de desenvolver potencialidades da condição humana, o existencial evidencia a necessidade de se perceber a capacidade criativa existente no indivíduo.

A criatividade, segundo Joseph Zinker (2007) é um ato de coragem que deve haver por parte do cliente, permitindo-o a disposição a arriscar-se para o absurdo ou fracasso a fim de experienciar este dia como algo inédito, como uma novidade. Nesta perspectiva, o potencial de criar na Gestalt-terapia proporciona ao indivíduo sua autorregulação, isto é, a maneira como o organismo se adapta ao meio, pois assim como afirma Perls; Hefferline e Goodman (1997, p. 45) “criatividade e ajustamento são polares, são mutuamente necessários”, e o terapeuta neste caso, assim como uma obra de arte – como é comparada a Gestalt-terapia por não ser cunhada na prática de técnicas – contribui para a criação de um ambiente, um espaço experimental onde o cliente segue uma ativa investigação sobre si mesmo enquanto organismo vivo.

Em contramão ao holismo criativo, está o processo de repetição que para a Gestalt-terapia, está firmada na questão de que o interesse é mantido apenas enquanto a tarefa em execução está inacabada, ou seja, uma situação que ficou em aberto, ou melhor, uma situação onde o contato enquanto uma conjunção articulada de motivação, percepção, afeto, cognição e ação; foi interrompida em algum momento do processo, ao passo que quando a tarefa é completada esse interesse some, surgindo outros e continuando o processo (FERREIRA, 2009).

A prática Gestáltica direcionada a psicoterapia corrobora enquanto objetivo a *awareness*, definida por Yontef (1998, p. 30) como “uma forma de experiência que pode ser definida aproximadamente como estar em contato com a própria existência, como *aquilo que*

é”, compreendendo assim o conhecimento do ambiente, a responsabilidade pelas escolhas, o auto-conhecimento, a auto-aceitação e a capacidade de contato.

Segundo o mesmo autor a terapia para a clínica Gestáltica baseia-se mais em uma transformação do que em modificações de comportamento, visto que se culmina em crescimento e autonomia, aumentando o campo de consciência concomitante a isto. Onde Erving e Miriam Polster (2001) acrescentam que essa discussão do crescimento numa visão sociológica podem ir muito além da “cura” para os clientes, mas depois disso, pode resultar no desenvolvimento de um novo clima comunitário, enfatizando assim, a importância da terapia e da ampliação de consciência para o crescimento pessoal e social.

Na terapia de abordagem Gestáltica o terapeuta acompanha o cliente, porém quem conduz o processo é o próprio cliente. Pois, apenas ele pode ter autonomia sobre as suas questões e assim o terapeuta ao longo da sessão com sinceridade e transparência, expressa seus sentimentos diante do que ele traz, apresentando suas percepções reais diante dele de maneira que este o perceba enquanto a pessoa que ele é (YONTEF, 1998).

Dessa forma os clientes aprendem como estão sendo vistos e como estão lidando com a situação que relatam, importando mais a maneira como encaram o problema do que o próprio conteúdo e problemática trazidos, pois, como dialoga Yontef (1998, p. 38) “tudo é secundário à experiência direta dos dois participantes”, pois o crescimento acontece do contato real com pessoas reais.

Segundo Yontef (1998):

A Gestalt-terapia facilita a solução de problemas com o incremento da auto-regulação e do auto-suporte. Com o andamento da terapia, o terapeuta e o paciente voltam sua atenção mais para assunto de personalidade. No final de um trabalho bem sucedido, o paciente se direciona e é capaz de integrar a solução de problemas, os temas de caráter, os assuntos de relacionamento com o terapeuta e os meios para regular sua própria *awareness* (p. 37).

Sendo muito útil para o cliente que deseja trabalhar sua auto-*awareness* e para que consiga lidar melhor com suas próprias questões de maneira autônoma. Tanto quanto na Gestalt-terapia não há nenhum “deveria”, pois a autonomia e a autodeterminação do cliente são consideradas mais importantes, isto é, não existe aqui nenhum modo correto ou melhor que o cliente poderia ser e sim o seu modo, o seu jeito (YONTEF, 1998).

4 APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE A GESTALT-TERAPIA E A CONSTELAÇÃO FAMILIAR SISTÊMICA

A Gestalt-terapia e a Constelação Familiar Sistêmica apresentam em seus fundamentos teóricos um leque de contribuições que nas práticas permitem aos seus usuários vários caminhos que podem direcionar ao autoconhecimento e a autoconsciência dos mesmos. O que pode lhes proporcionar bem-estar e paz interior, da mesma maneira que pode refletir nas interações sociais e nos relacionamentos destes. Sendo objetivo das duas, o crescimento do sujeito, da percepção de si, de como é no mundo e das situações que o circunda (GURGEL, 2008).

A fenomenologia ao perpassar pelas duas teorias permite a Constelação Sistêmica uma reflexão acerca de si mesmo e das energias e movimentos que circundam o campo, permitindo ao sujeito maior percepção das coisas – suspendendo o juízo e julgamentos pré-estabelecidos e situações no processo interventivo (GINGER; GINGER, 1995). Igualmente a perspectiva na Gestalt-terapia, por ser proporcionada ao sujeito uma percepção diferente da que ele já estava habituado sobre as coisas e o mundo, permitindo uma ampliação e exploração do campo. Sendo enfatizado e sentido em ambas, o momento presente na prática clínica (YONTEF, 1998).

Diante da noção do ser holístico, na Gestalt-terapia sustenta-se por refletir em seu sentido a concepção de toda a dimensão biopsicossocial do sujeito; na Constelação Familiar Sistêmica se têm também tal argumento ao enveredar nesta temática tanto do ser como do sistema em sua totalidade. Onde de acordo com Gurgel (2008),

A visão holística e sistêmica que acompanha ambas as abordagens é o que fundamenta a mudança mais abrangente no sistema familiar. Se entendermos que o sistema é um todo interligado, acreditamos que mudanças ocorridas em um elemento do sistema irão interferir em todo ele. Dessa forma, trabalhar com a família, muitas vezes é trabalhar com um de seus membros (p. 262).

O que denomina, neste sentido, uma aproximação de cunho humanista e fenomenológico. Acompanhado da ideia de responsabilidade existencial, onde ao passo que nas Constelações Familiares Sistêmicas reflete o sentido de se reconhecer, aceitar e se manter em uma posição em um sistema, na Gestalt-terapia, nesse sentido esboça a noção de cada indivíduo ser responsável pelo sentido que dá a sua existência a partir de suas experiências enquanto um ser existente no mundo (GURGEL, 2008).

Entretanto, apesar de haver algo principal que rege a Constelação Familiar Sistêmica de Bert Hellinger, que seria o fenômeno fundamental se de respeitar e seguir as ordens do sistema de acordo com a reverência aos antepassados. Para a Gestalt-terapia seria diferente, o evento principal está na interação organismo/ambiente a partir do campo, ocorrido no aqui-e-agora. Ou seja, enquanto o terapeuta na Constelação Familiar Sistêmica tem uma ideia pré-

estabelecida sobre como o campo deve funcionar, o Gestalt-terapeuta trabalha a partir do campo, da descrição do campo e dos sentidos que o cliente produz em cima disso (GINGER; GINGER, 1995).

Diferente da teoria de Hellinger, na teoria de Perls considera-se a descrição dos eventos e como acontecem, ao passo que não se importa, diante mão, sobre o porquê de acontecerem. É o que Erving e Miriam Polster (2001) salientam como a consciência organísmica da intencionalidade, ou seja, a partir da compreensão do aqui-e-agora onde tudo está contido no agora, apresentando uma concepção de tempo que não é a do tempo linear, isto é, trabalha com a ideia de tempo presente e passado presentificado. Sendo as questões passadas, segundo Helinger (2010), o principal material de estudo da Constelação Familiar Sistêmica e a relação organismo/ambiente como o foco principal da Gestalt-terapia.

Ou seja, enquanto a Constelação Familiar Sistêmica conserva a ideia de que é necessário uma ordem previamente estabelecida para se haver a harmonia e bem estar familiar e/ou em um sistema, para a Gestalt-terapia predomina-se aspectos existenciais do aqui-e-agora, ou seja, mais válido de investigação do que os fatos ocorridos no passado, está o momento presente em que o indivíduo se encontra e como se sente diante deste processo. Atravessando, neste sentido, as margens de cunho humanista das Constelações Sistêmicas para uma prática existencialista e principalmente fenomenológica da Gestalt terapia (GINGER; GINGER, 1995).

Na Constelação Familiar Sistêmica acontece uma forma de repetição ou algo associado ao fenômeno em relação ao movimento interrompido – um movimento incorreto – de um antepassado para seu descendente, como por exemplo, o avô era alcóolatra, o filho tinha aversão à bebida e o seu filho (neto do avô alcóolatra) ser alcóolatra também, acontecendo neste sentido, mas, não necessariamente nesta ordem. Da mesma forma que, estes fenômenos podem até nem passar do inconsciente e serem ligados como uma forma de amor que interliga os antepassados da família presente, o que dependendo do caso precisa-se abandonar este sistema incorreto ou causador de sofrimento para uma nova organização (GURGEL, 2008).

O que para a Gestalt-terapia também, tais processos não demonstram meras repetições por instinto ou simplesmente algo vazio de sentido, e sim como uma tendência ao fechamento e a perfeição, ou seja, uma tentativa de fechamento de uma *gestalten* inacabada geradora de sintomas, ou ainda, quando não objetiva a perfeição é porque pode também tornar-se mecânica, isto é, contrária a vida orgânica e a capacidade criativa (FERREIRA, 2009).

Além disso, pode-se evidenciar a repetição ainda, como uma capacidade de manipulação do indivíduo utilizando-se de uma série de mecanismos para conseguir do ambiente sua satisfação, mesmo sendo essa uma satisfação sempre parcial, denotando nesse caso a introjeção como “o modo genérico de interação entre o indivíduo e seu ambiente” (POLSTER e POLSTER, 2001, p. 86).

Conforme Gurgel (2008), em relação ao dar-se conta da existência e de ser quem se é na Gestalt-terapia, nas Constelações Familiares Sistêmicas têm-se também a reorganização do movimento de um sistema, identificando o papel que cada indivíduo possui no sistema e na família que deve estar inserido. Cabe ao indivíduo a partir das duas dimensões, sustentar-se em si mesmo, ou seja, na primeira sustentar quem se é e na segunda quem se deve ser no sistema. E ainda, proporcionar ao indivíduo bem-estar e crescimento suficientes para que o mesmo viva melhor no mundo e em família, tanto na Gestalt-terapia como na Constelação Familiar Sistêmica.

Na prática clínica das duas abordagens torna-se necessário a dinâmica do criar, ou seja, a criatividade tanto é essencial para a criação da imagem ou figura que se estabelece enquanto cena no momento da Constelação configurada pelo sistema que a sustenta, como também para a Gestalt-terapia, enquanto um ato de coragem de um indivíduo ao se deparar com algo novo, o que para ambos este experienciar pode lhes gerar novas percepções e crescimento (GURGEL, 2008).

Quando se pensa neste crescimento pessoal, logo se pode refletir sobre a autonomia que pode ser gerada nos indivíduos na posição de pacientes nas duas abordagens. Entretanto, enquanto para a Gestalt-terapia a autonomia traduz um salto positivo para o sujeito por ele haver conseguido a partir da assimilação do novo com experiências passadas extrair um modo de ajustar-se criativamente para lidar com as situações e adequar-se a elas, nas Constelações Sistêmicas de Hellinger tal conceito não é bem visto – assim como o conceito de ‘liberdade’ – pois, segundo o referido autor, seriam modelos egoístas de se pensar, já que os indivíduos sempre irão depender uns dos outros no sistema que estão inseridos, não havendo sentido considerar neste caso como temáticas positivas (GURGEL, 2008).

Deste modo, embora a Gestalt-terapia tenha vários quesitos divergentes da Constelação Familiar Sistêmica, ainda assim é possível pensar elementos que possuem vieses aproximados, ao citar, por exemplo, a dramatização em seu sentido geral. Onde nas duas áreas existe desde os primórdios como processos dinâmicos e terapêuticos, como por exemplo, na Gestalt-terapia, a técnica da cadeira vazia, esboçada por Perls. E nas Constelações Familiares Sistêmicas as dramatizações que acontecem com os voluntários representando familiares ou

conhecidos da pessoa constelada. Permitindo aos indivíduos das duas vertentes encontrarem-se consigo mesmos e permitirem-se expor e experienciar no presente suas demandas inacabadas ou interrompidas (GURGEL, 2008).

Quadro 01: Aproximações e Diferenças entre a Gestalt-terapia e a Constelação Familiar Sistêmica

Principais Ideias	Para a Gestalt-terapia	Para a Constelação Familiar Sistêmica	Diferenças	Aproximações
“o todo”	Baseado na noção fenomenológica de se perceber e experienciar de maneira diferente as coisas. O todo como um fenômeno que corrobora todo o campo interacional organismo/ambiente e seu contexto.	Baseado na noção fenomenológica de perceber por completo e sem ‘juízo’ as demandas, as pessoas e o mundo na prática da Constelação.	É mais abrangente na Gestalt-terapia, pois fundamenta tanto a teoria quanto a prática de maneira que a torna mais fenomenológica do que existencial até. Para a Constelação Familiar, é mais enfatizada na prática no momento da própria intervenção.	As duas são cunhadas na ideia principal da fenomenologia e de acordo com a experiência subjetiva de cada indivíduo.
“a existência”	Se sustenta nas experiências subjetivas da pessoa, baseada na forma como o homem experimenta a sua existência, a assume, a orienta, a dirige. Com base no existencialismo fenomenológico.	A partir da primeira respiração se existe. Não bastando apenas existir, mas saber quem se é, onde se encontra e para onde vai. E na Constelação Familiar Sistêmica prática vivenciar os momentos do passado é compreender mais ainda o sentido da existência.	Apesar de nas Constelações a existência ser vista como algo profundo e necessário em ser reconhecida pelo indivíduo, na Gestalt-terapia é fundamentada a partir da noção de existencialismo de autores precursores que se baseiam no método fenomenológico. O que permite uma visão mais voltada para a experiência da	As duas permitem e valorizam o ato de refletir e experienciar as circunstâncias da vida enquanto seres existentes no mundo.

			situação presente, sem se remeter tanto ao passado como na Constelação Familiar Sistêmica.	
“a repetição”	Tentativa do ‘fechamento’ de <i>gestaltens</i> buscando a satisfação/perfeição da situação inacabada. Ou uma manipulação contrária ao holismo criativo, ou seja o modelo mecanicista.	Acontecimento ou comportamento que se repete em um sistema familiar por haver desorganização e/ou quebra de regras anteriormente predestinadas.	Na Gestalt-terapia acontece uma dinâmica baseada do campo e no que ele demanda. Já na Constelação Familiar Sistêmica já é pré-estabelecido que a desordem causa a repetição e vice-versa.	As duas são consideradas negativas na prática clínica, no sentido que ao emergirem necessitam ser sanadas para que haja harmonia e/ou equilíbrio.
“espontaneidade” e “criatividade”	Ser espontâneo para os acontecimentos novos que lhe surgem de maneira que apenas a situação controle. E a criatividade como um modo corajoso de encarar as situações, adaptando-se a elas.	A criatividade é lançada como espontaneidade e entrega no processo de Constelação junto às energias do ambiente que são emanadas quando o constelado movimenta os seus representantes na cena.	A situação que controla é por si desafiadora de espontaneidade e criatividade na Gestalt-terapia. Enquanto na Constelação Familiar Sistêmica acontece junto a outros processos (de energias e sensações, por exemplo) no momento da intervenção apenas.	Sustentam e dão suporte ao ápice da noção de ação e movimento nas duas práticas.
“a liberdade”	Aspecto positivo, pois só é alcançado na Gestalt-terapia quando o sujeito consegue a partir da responsabilidade se libertar do peso anterior de ser ou querer algo. Sendo libertador aceitar-se; compreender-se.	São várias: liberdades de sentimentos, de características e de movimento, por exemplo. Porém, não existe uma opinião concreta, pois não existiria uma completa liberdade para Bert Hellinger.	Querer liberdade na Constelação Familiar Sistêmica é querer abrir mão de uma obrigação ou separar-se de alguém. Para a Gestalt-terapia conota positivamente o sentido de crescimento pessoal posterior a essa liberdade.	Ambas apropriam-se do mesmo termo.
“autonomia”	Quando o sujeito consegue a partir da responsabilidade	Não existe conceito concreto para a autonomia,	Para a Gestalt-terapia é positiva e para a	Ambas apropriam-se do mesmo termo.

	que assume diante de si mesmo e dos seus atos lhe proporcionando mais capacidade para resolver as próprias questões e as do mundo.	pois para Hellinger nós somos seres que dependemos constantemente do outro, não sendo possível total autonomia.	Constelação Familiar Sistêmica negativa, pois ao passo que para a primeira seria uma conquista e crescimento, para a segunda seria um conceito egoísta e sem sentido.	
“visão holística”	Envolve a compreensão do homem, da natureza, do planeta; cada ser vivo, cada objeto ou fenômeno do universo enquanto uma totalidade. Não se devendo explicar as coisas somente pela soma de suas partes.	Compreende o homem em sua totalidade. Pois o ser holístico é formado por corpo, hábitos de vida, hábitos alimentares, pensamentos, emoções e principalmente do sistema de origem.	Na Gestalt-terapia não há fatores pré-determinantes que influenciaram a vida de alguém desde o seu nascimento, não compondo esta visão holística. Para a Constelação Familiar Sistêmica existe diante dessa visão essas regras predestinadas que também integra o indivíduo.	Ambas compreendem a visão do homem em sua totalidade. O sistema como um todo determina como se comportam as partes.
“responsabilidade”	Para a Gestalt-terapia é um salto positivo, pois é a partir dela que o sujeito consegue fortalecer seu próprio eu por conseguir se apropriar de suas questões negativas ou positivas, vindo a ajustar-se da melhor forma a elas.	Para a Constelação Familiar Sistêmica é necessária a responsabilidade sobre o seu papel e função no sistema, pois ele irá influenciar sua vida, a de todo o conjunto e inclusive às gerações futuras.	Na Gestalt-terapia associa-se a crescimento; como algo bom para o sujeito. E para a Constelação Familiar Sistêmica vincula-se a algo predestinado e criterioso a ser seguido.	Ambas apropriam-se do mesmo termo.
“figura”	Para a Gestalt-terapia baseia-se na necessidade que é emergente no campo. É a necessidade mais urgente de satisfação que é lançada, devendo ser uma figura vívida e nítida.	Para a Constelação Familiar Sistêmica baseia-se em uma imagem que é apresentada no momento da intervenção (Constelação) como uma representação ilustrada do	Ao passo que para a Gestalt-terapia reflete algo que é lançado de maneira dinâmica, sendo uma necessidade de qualquer espécie para a Constelação baseia-se em uma imagem	As duas apresentam a partir deste conceito uma noção simbólica que remete figuras e imagens de coisas urgentes (e/ou as vezes problemáticas) de representações que culminam em

		sistema familiar que compõe a cena do passado.	representativa de um sistema que precisa de uma ordem e regras pré-estabelecidas – como algo que se torna evidente no momento da prática clínica.	modos de se entender e trabalhar os fundamentos e a prática clínica de ambas.
“coragem”	A coragem para a Gestalt-terapia é um ato essencial para se encarar o novo. Ela configura um salto para adentrar a novidade de maneira criativa.	A coragem para a Constelação Familiar Sistêmica diz respeito à ousadia de: ou se desprender de algo do passado ou de encarar e aceitar os fatos do presente.	Para a Gestalt-terapia não se prioriza o passado em relação a este conceito como se prioriza na Constelação.	Para ambas torna-se um conceito essencial para compreensão e prática clínica, uma vez que as duas proporcionam o crescimento e a consciência pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da correlação entre as teorias distintas Constelação Familiar Sistêmica e a Gestalt-terapia, mas, com algumas interações de sentidos e objetivos em comum, é possível refletir e experienciar a contribuição dos dois vieses para uma prática clínica eficaz e contemporânea. Com o intuito de perceber a Psicologia como uma ciência cercada por áreas complementares aliadas de maneira positiva para o desenvolvimento e bem estar das pessoas.

Pois, ao passo que se tem por um lado uma teoria pautada no humanismo holístico constituindo técnicas e intervenções e objetivando a reorganização de um sistema a partir de constructos passados, têm-se também uma abordagem existencial fenomenológica sustentada no momento presente e no passado presentificado em direção ao futuro que requer do sujeito ajustamentos criativos a partir das relações do campo organismo/ambiente constantemente.

Em relação à prática clínica das duas abordagens, pode-se evidenciar o foco nas novas percepções que os sujeitos podem ter a partir dos ‘*dar-se contas*’, ‘*consciências*’ e ‘*awareness*’ que se apresentam no momento da intervenção ou posterior a ela. Culminando o principal sentido em prol do crescimento e auto-conhecimento que, para ambas tornam-se o ponto chave para o processo terapêutico.

De modo geral, o terapeuta na Constelação Familiar Sistêmica possui enquanto foco noções e regras de como o campo deve funcionar a partir de aspectos de ordens, de leis e das reverências para com as figuras de sistemas anteriores. De forma que o terapeuta da

abordagem Gestáltica trabalha a partir do campo e principalmente dos sentidos que o paciente consegue produzir em cima de tudo o que percebe e sente.

Enquanto alguns conceitos apresentam-se – para ambas ou apenas para uma das duas abordagens positivamente –, por potencializar e/ou proporcionar bem-estar e crescimento para o indivíduo, outros, esboçam ideias negativas por não abarcar os sentidos essenciais que se precisa chegar tanto na prática clínica como na vida pessoal e social como um todo.

Ficando evidente a eficiência das duas áreas, que mesmo não sendo uma aliada a outra possuem interações que ora se encontram e ora se dividem. Visto que, têm-se a noção de que a Constelação Familiar Sistêmica ainda encontra-se em processo de reconhecimento e conquista de seu espaço enquanto uma técnica válida e eficaz. O que possivelmente pode acabar contribuindo também para uma concepção distorcida para alguns de que as Constelações Familiares Sistêmicas mais caminham junto das técnicas usadas por *Coaching's* do que por profissionais da psicologia.

REFERÊNCIAS

BELMINO, M. C. **Fritz Perls e Paul Goodman**: Duas faces da Gestalt terapia. Fortaleza: Premius, 2014.

_____. **A ontologia gestáltica de Paul Goodman e seus desdobramentos clínicos, políticos e educacionais**: Gestalt-terapia, anarquia e desescolarização. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

CARVALHO, E. V. Constelações Familiares Sistêmicas. In.: **Revista Saúde Quântica**. v. 1, n.1, 2012. Disponível em: <<https://www.uninter.com/revistasauade/index.php/saudequantica/article/view/117/49>> acesso em 17 de setembro de 2018.

CORNELIUS, J. P. **A aplicação das constelações sistêmicas na resolução de conflitos judiciais e extrajudiciais**. Trabalho de Conclusão de Curso – UFSC, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/177474>> acesso em 17 de setembro de 2018.

FERREIRA, T. B. M. Implicações dos comportamentos repetitivos no contexto das relações amorosas. In.: **Revista da Abordagem Gestáltica** – XV(1): 30-35, jan-jun, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100005> acesso em 03 de outubro de 2018.

FRANKE, U. **Quando fecho os olhos vejo você**: as Constelações Familiares no atendimento individual. Patos de Minas: ATMAN, 2006.

GIL, A. C. Como Classificar as Pesquisas. In: GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GINGER, S.; GINGER, A. Abordagem Sistêmica e Gestalt. In.: **Gestalt: Uma terapia do contato**. 5ª ed., São Paulo: Summus, 1995.

GURGEL, M. T. A. Gestalt-terapia e Terapia Sistêmica: o corpo em psicoterapia. In.: **Fractal Revista de Psicologia**, v. 20, n. 1, 2008. Disponível em: < <http://periodicos.uff.br/fractal/index>> acesso em 07 de outubro de 2018.

_____. **A simetria oculta do amor**: porque o amor faz os relacionamentos darem certo. São Paulo: Cultrix, 12ª ed, 2008.

_____. **Conflito e paz**: uma resposta. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. **Constelações Familiares**: O reconhecimento das ordens do amor. São Paulo: Cultrix, 13ª ed, 2010.

_____. **No centro sentimos leveza**: conferências e histórias. São Paulo: Atman, 2ª ed, 2006.

_____. **Ordens do Amor**: Um guia para o trabalho com constelações familiares. São Paulo: Cultrix, 12ª ed, 2010.

_____. **Para que o amor dê certo**. São Paulo: Cultrix, 13ª ed, 2013.

_____. **Um lugar para os excluídos**. Minas Gerais: Atman, 1ª ed, 2006.

JULIANO, J. C. Gestalt-terapia: revisitando as nossas histórias. In.: **IGT na rede**, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: < <https://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=33>> acesso em 07 de outubro de 2018.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J.; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **Fenomenologia e Gestalt-terapia**. São Paulo: SUMMUS, 2007.

PELIZZOLI, M. L. Paz e Conflito: visão sistêmico-fenomenológica. In.: Marcelo L. Pelizzoli (Org). **Cultura de Paz – Restauração e Direitos**. Recife: EDUFPE, 2010. Disponível em: < https://www3.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/mp_pcvs.pdf> acesso em 07 de outubro de 2018.

PERLS, F. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. 2ª ed., Rio de Janeiro: LTC, 1978.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. 2ª ed., São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia Integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 4ª ed, 2009.

SCHNEIDER, J. R. A prática das Constelações Familiares: bases e procedimentos. Minas Gerais: Atman, 2007.

SCHNEIDER, J. R. Sobre a técnica das Constelações Familiares. In.: **Trabalho apresentado no 1 ° Módulo do J'Treinamento Sul-americano em Terapia sistêmica fenomenológica de Bert Hellinger**, Rio de Janeiro, setembro de 2001. Disponível em: <
<http://www.consteladoressistemicos.com/publicacoes/85-sobre-a-tecnica-das-constelacoes-familiares-jakob-robert-schneider>> acesso em 16 de outubro de 2018.

YONTEF, G. M. **Processo, Diálogo e Awareness**. Ensaios em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. **O processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.